

Eufemismos

O economista Celso Furtado não aceita a classificação do Brasil como país de economia emergente. Pela pura e simples razão de se tratar de expressão vazia, a que não corresponde conceito algum: economia emergente seria eufemismo; e, aplicada ao Brasil, país subdesenvolvido típico, quase uma impostura.

Com seu prontuário de inovador na ação e de intelectual instigante, só se pode esperar de Celso Furtado a visão crítica da realidade e pouca complacência com as idéias que parecem justas só por serem aceitas.

Ele elaborou, com a Sudene, a estratégia para tirar do isolamento econômico o Nordeste, no passado nosso principal pólo de desenvolvimento. E seu clássico "Formação econômica do Brasil" ajudou a impor ao pensamento econômico a referência à evolução social e à História.

Mas será a classificação de país subdesenvolvido a mais correta, e mais adequada ao Brasil que a de país emergente? Há aí uma contradição, se o próprio Celso Furtado admite que o Brasil tem sido um país emergente desde os anos 30.

A expressão "subdesenvolvido" insinua uma situação cristalizada. Que só uma intervenção poderosa poderá desfazer, seja da parte do Estado nacional, seja da parte da comunidade internacional. E esse não é evidentemente o caso do Brasil. Somos, faz já bom tempo, um país de

economia diversificada; e, na mesma proporção, com chances múltiplas de ocupar posição na economia globalizada. Não seria, assim, justo dizer que nossa participação no processo de globalização está fadada a ser puramente passiva. Se o for, terá sido por simples falta de visão e iniciativa política.

Por outro lado, não somos hoje um país em que o crescimento econômico é prioridade absoluta. Um país em que se relegam a segundo plano as desigualdades sociais, merecendo com isso a classificação de tipicamente subdesenvolvido. Não se confunde mais no Brasil crescimento econômico com desenvolvimento. O que nos falta é a consciência da subordinação da economia à opção por um modelo de civilização, como ensina Ignacy Sachs. Mas esse não é pecado exclusivo do Brasil. Cometeram-no todos os países, na corrida por melhores índices de crescimento.

Celso Furtado é lúcido demais para ter saudade da época em que o Estado era o principal agente econômico, chamado — então sim, por eufemismo — de indutor do crescimento.

E, se num ponto tem razões de sobra, é quando reclama a intervenção do Estado para correção das desigualdades sociais. Aí o Estado terá seu papel pleno, que se cumprirá, não no campo da economia, mas das políticas públicas em prol da educação, do saneamento, da saúde e do incentivo à organização social.

A expressão
'subdesenvolvido'
insinua uma
situação
cristalizada
